

Thais Graciotti – Mestre - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Mariana Moraes – Especialista - Centro Universitário de Vila Velha

## **FRAGMENTOS DE CONVERSAS SOBRE ROUPAS E PAISAGENS**

Thais Graciotti (Design de moda-Centro Universitário Belas Artes de São Paulo); Mariana Moraes (Fotografia-Centro Universitário de Vila Velha)

### **Resumo**

Correspondências entre duas amigas - artistas e pesquisadoras das áreas fronteiriças da moda - que conversam sobre roupa, moda, aparência em paisagens cotidianas. Trata-se de uma reflexão da roupa como paisagem, e da troca como exercício diário de escolha. Ambas mapeiam, a partir de seus trabalhos, rotas para flunar por uma moda que se permite aos acasos.

Palavras-chave: roupa – paisagem – aparência

### **Abstract**

Correspondence between two friends - artists and researchers of the border areas of fashion - they talk about clothes, fashion, appearance in everyday landscapes. This is a reflection about clothes as landscape, and the exchange of choice as exercise diary. Both, friends and researchers, maps from their jobs, routes to stroll through a fashion that allows the incidentally.

Keywords: clothes - landscape - appearance

## FRAGMENTOS DE CONVERSAS SOBRE ROUPAS E PAISAGENS

### \_\_\_ carta um . Quarta à noite . Thais

Há tempos não escrevo à mão, e aqui estou, com uma folha completamente rabiscada, rasurada, desenhada, ou como queira chamar este início de conversa, que para ganhar forma tem que desalinhar contornos. Em meio a essa grafia-paisagem vou começando essa conversa (troca? correspondência?) no meu jeito de sempre desajeitado, que venho percebendo cada vez mais ser parte do meu modo de viver e criar.

E neste aconchego do papel, criando rotas por uma grafia desarranjada, fico pensando nas paisagens de trânsito que deram início ao trabalho das *TROCAS* e também nas suas *Paisagens domésticas*. Além da paisagem nas *TROCAS* ser também doméstica, trata-se de um estar num local estranho, mas íntimo por ter referências de encontros intensos. Embora esse estado de desordem pelo estranho, que também se dá pelo deslocamento geográfico, provoque certa fragilidade, o trânsito me é muito inspirador. Estar sem bússola, num outro tempo, tempo de um outro, induz a um estado sensível de escuta dos pormenores de uma paisagem passageira. Nas *Paisagens domésticas* vejo o estranho como o outro que invade o lugar de intimidade. Como o varal de roupas do vizinho que se expõe e transforma sua paisagem cotidianamente, mas que essa “invasão” não deixa de ser uma relação, fronteira que preenche, que une.

E claro, os corpos. Eles próprios são fronteiras. Por vezes são canto e quina nas *Paisagens domésticas*, compartilham espaço, ar, se transformam em linha e formam junto a paisagem. Nas *TROCAS* a relação entre os corpos se (des)faz fronteira em desconstrução e reconstrução, graças às roupas. Cotidianas pelo uso, cada peça trocada se faz conversa que flui pela respiração do outro e com o outro. A memória do corpo do outro na roupa que é trocada causando desconforto do desconhecido. Aqui a invasão se faz não pela exposição (como nas *Paisagens*), mas como uma roupa que vira mapa,

rotas a serem seguidas dos mais diversos caminhos, bifurcações a escolher, um labirinto de manga ruela, gola beco ou saia rodovia. Há a necessidade de confiança na diferença, pois a experimentação da proposta do trocar trata-se de uma direção por caminhos que exigem errância. Não há caminhos privilegiados, todos são desvios. O que me faz pensar que mesmo em uma troca recíproca há sempre a assimetria, dos tempos de um e do outro, dos movimentos e percursos labirínticos que promovem desvios por esse outro que impõe. Pois é, não é você quem escolhe, mas você que é escolhido, e acho que esse é justamente o maior prazer em trocar e em se abrir para paisagens cotidianas.

Diferente do varal do vizinho que é paisagem em mutação constante, uma conversa ao horizonte, a roupa na *TROCA* é rota em movimento, mapa que se refaz todo tempo, como num processo de desmemória constante, da roupa-pele, do outro, de si mesmo. Sensação esquisita de um corpo-roupa estranho em si, e o próprio corpo, completamente desconfigurado pela composição trocada com o outro.

Fico pensando em como estranhamento é necessário como respiro para determinados modos de funcionamento das coisas. O acaso. O erro. Isso tudo me interessa. E você, onde está o inacabado na sua paisagem?



Foto 1: trocas e paisagens

## \_\_\_\_\_ carta dois. Sábado à tarde. Mariana

“(...) uma característica necessária da transmissão, se é que ela ocorre, é que ela pode se extraviar. A carta não chega, a pessoa errada herda, o legado é uma carga indesejada. Contudo, mesmo na mais selvagem das transmissões, alguma coisa realmente chega ao seu destino” (STALLYBRASS, 1993, pág. 36)

Duas leituras mexeram comigo nesses últimos dias, esses dois ou mais textos me trouxeram memórias e me deixaram em suspensão. Sua carta me exigiu um intervalo, esquecer, para então, tentar me aproximar da sua pergunta.

Nesse intervalo, percorri caminhos de [re]descoberta das *TROCAS*, dos textos e das imagens das combinações e contaminações da ação. Nas passagens pelo meu arquivo, achei seu texto das *TROCAS [e silêncios]*, que na época não tinha chegado. Não chegou naqueles tempos por que eu estava me preparando para recebê-los. Preparando-me para *TROCAR*.

E é exatamente esse o processo: acumulações, apropriações, contaminações. [re]encontros e trocas trabalhando na constituição de um estado de encantamento e de uma memória afetiva das experiências: das coisas, dos lugares e das pessoas. São nessas experiências acumuladas [e na contaminação de todas elas] que percebo que é possível me apropriar disso tudo. Nesse momento, a paisagem se apresenta. Revelar visibilidades. Mas para que ela aconteça é preciso *estar* nesse estado de fluxo, afinal tudo se [re]constitui a todo momento, a paisagem se faz no tempo. Todas as coisas já estão presentes como potência, é preciso se abrir para as *TROCAS*.

É nesse lugar que está o inacabado na minha paisagem. Estou sempre em busca dela, e só acesso alguns de seus fragmentos. “(...) cada imagem se apresenta como mero fragmento, uma minúscula peça arbitrariamente recortada de um tecido infinitamente mais amplo. Como se olhássemos a paisagem através da janela, o quadro truncando a vista, mas nunca abalando a certeza de que a paisagem continua além dos limites do que podemos ver naquele momento. Esse alargamento lateral do espaço é proporcionado,

paradoxalmente, pela janela. A paisagem então deixa de ser aquilo que se oferece lá ao fundo para se converter em campo, plano e extenso, em que se articulam todas as coisas: uma grade.” (BRISSAC, 2004, pág. 11)

Uma grade. Uma trama. É nessa trama que estão as visualidades do nosso cotidiano, a [geografia] dos nossos encontros. São as aparências que encontramos e trocamos nesses espaços que constitui a paisagem. Aqui já estamos falando da roupa, da imagem das coisas e das pessoas, “lugar-pele, tatilidade necessária aos sentidos do cotidiano”. Essa paisagem é compartilhada no encontro da roupa e a visualidade que ela impõe/propõe ao outro. A roupa como paisagem. A paisagem-roupa.

“(…) olhar um objeto é mergulhar nele. Os objetos circundantes tornam-se horizonte, a visão é um ato de dois lados. Ou seja: ver um objeto é ir habitá-lo e dali observar todas as coisas. Mas, como também nelas estou virtualmente situado, tomo de diferentes ângulos o objeto principal de minha observação. O olhar se faz nas duas direções, cada objeto é espelho de todos os demais. A visão é localizada, uma relação entre objetos situados no mundo.” (BRISSAC, 2004, pág. 177)

Na relação das coisas fundamos nossa existência e exercitamos nossas escolhas. A paisagem é constituída nesse exercício diário de escolha. Entre o público e o privado. Nesse lugar, as trocas de roupa não estão aparentes e explícitas, mas estão absolutamente presente, são as trocas realizadas ao longo da vida que constituem uma imagem, uma aparição. A roupa funciona aqui como mediadora, propondo sentidos e diálogos. A roupa tornando pública a experiência íntima do vestir. A roupa entre o retrato e a paisagem.

E para você, como pensar a roupa na construção da aparência do cotidiano? Como pensar as *TROCAS* na constituição da paisagem?



Foto 2: paisagens em troca

### \_\_\_\_ carta três . Domingo à noite . Thais

Cá estou, novamente, lápis em punho, escrita-rabisco. Na tentativa de acompanhar a velocidade do pensamento, a letra vai deformando, inacabada pela ansiedade de pular para a próxima palavra e, no entre, não se perder no tropeço do esquecimento do branco da memória. Eu mesma não entendo mais o que escrevo. Vou apertando o olho, ajustando a vista, tomando distância, quase uso a mão como viseira para focar a visão nessa difusa paisagem. A escrita nesse caderno de esboço vai se tornando guia turístico por fragmentos de uma paisagem por vir.

Assim como a roupa, também fragmento de paisagem, de si. A roupa é janela. O buraco da fechadura do *voyeur*. Inspira o prazer da observação, de olhar o outro como um fundo infinito a partir das suas composições. Imaginar o que o leva a escolher tais cores, formas, seu modo de vestir, de compor diário. Mas há de lembrar que, embora essa janela esteja aberta, é apenas uma janela, um enquadramento sob um ponto de vista, de um determinado momento, de um segundo, de um dia ou de uma vida. A roupa, nas nossas composições diárias, torna-se passagem para o olhar, acabamento que define e delimita fragmentos de totalidade. Pois acredito (você também?) que só o fragmento dá conta do implícito de um todo.

Roupa, moldura de intenção entre o mundo e nós, mas também véu, tela redobrada pelo cotidiano, pela troca de roupa de todo dia. Exercício de mudança. “Exercício diário de escolha”, como você já disse. Enquadramentos que remetem a uma paisagem inacabada para o olhar do outro, que nunca vai conseguir adentrar nessa outra paisagem por completo, sempre haverá o dia seguinte, a troca de roupa, outra configuração. Pele que se troca diariamente e entra em relação com as paisagens de si mesmo e com percursos com os quais se vive. Tentativa de mudança constante para acomodar o incômodo, que é incessante. Pois somos paisagem infinita, continuação atrás da moldura que vai para bem longe. E nessa tela, um mínimo movimento promove o deslocar que acaba por contemplar de novo uma nova paisagem dentro da mesma.

E claro, o desejo de ser um outro de cada um. O mundo hoje não pede, demanda, essas novas paisagens de si constantemente. A necessidade de se reconfigurar para achar lugar nos inconstantes da vida. Contudo, assim como Wenders<sup>1</sup>, tenho sempre a sensação de que criamos uma imagem de nós mesmos e estamos sempre tentando nos parecer com essa imagem. Talvez a reconciliação dessas duas imagens que criamos e a que tentamos nos parecer é que surge o si mesmo, algo sempre inacabado, em tentativa. Eu, de novo, voltando à conversa do inacabado. Mas artista que sou, não acredito em perfeição. Lendo um livro de correspondências entre dois artistas<sup>2</sup> um deles cita o Nelson Rodrigues, falando que perfeição não é coisa de artista, é coisa de menina tocadora de piano. E *stylist* que também sou, não acredito nesse mundo de meninas tocadoras de piano. Sempre gostei mais dos estilistas que falavam do estranho, da roupa com buraco, com linha de costura aparente, usadas em modelos com cicatriz. Acho que a moda, quando perde um pouquinho o seu glamour (pouquinho, porque se perder tudo deixa de ser moda), se aproxima do real, do corpo sem *photoshop*, da roupa amassada de

---

<sup>1</sup> Referência ao documentário **Caderno de notas sobre cidade e roupas**. Direção: Wim Wenders. Alemanha, 1989. 1 vídeo-disco (79 min), DVD, son., color.

<sup>2</sup> Referência ao livro de correspondências entre os artistas Fábio Moraes e Marilá Dardot, chamado **Conversas: blá blá blá**. Ver mais nas referências.

horas sentada na sala de espera de algum lugar, da mancha que nunca saiu da blusa e ainda assim você não sai de dentro.

Pensar a moda como aquela que engole tudo que passa pela frente, em sua voracidade, velocidade de furacão, pode ser nauseante para muitos. Mas essa lógica de produção e consumo de imagens massificadas, de fórmulas prontas que acabam por aniquilar quase por completo percepções e subjetividades, talvez seja algo como olhar a cidade de São Paulo do alto, uma massa em movimento, caótica, um conjunto de forças numa certa constância, onde tudo funciona sempre em relação a um outro. Aglomeração que cria correspondências, contaminações sucessivas que se configuram no acontecimento das múltiplas relações em trânsito.

A moda faz as coisas se movimentarem, é filme sem fim, troca infundável, *road movie* com roteiro em aberto. E o divertido é justamente driblar esse furacão, tomar os desvios das ruas estreitas desse movimento-moda, sempre em trânsito acirrado na correria da cidade. Tornar a roupa lugar de fronteira, que não só determina territórios, como também os liga ao exterior, criando relações. Moda, aquela que une por seu sistema e se recria pelos desvios. Meu maior prazer é sabotar, subverter, quebrar as possibilidades de um sentido único nesse lugar-moda. Quero mais é criar narrativas que aconteçam nos cruzamentos, diagonalmente. Desestabilizar nossas compreensões da vida, me jogar do alto desse prédio e injetar sutilezas, incertezas, gritar e sussurrar para criar sons que se recombinaem e se estranham entre si.

Agora a artista quer deixar o branco que sobra no papel compor com sua escrita em rabisco. A *stylist* quer escrever sua roupa pelo movimento da rua, compor paisagens em trânsito. A geógrafa em desejo quer levantar e flunar pela cidade, continuar mapeando novas rotas vestíveis, labirínticas, para então, soltar sua mão, ou a de quem estiver comigo nesse passeio. E, quem sabe, o abandono em meio ao caos promova encontros-surpresa pelo meio do caminho, para trocarmos novas rotas e modos de nos movimentar nessa cidade-moda.



Mas deixo meu mapa aberto, a escrita-rabisco como guia turístico de possíveis caminhos a seguir. Adorei flunar com você por novas paisagens, a partir de cruzamentos antigos. E agora, partimos para outros mapas ou criamos linhas ao acaso para recriarmos nossas rotas?

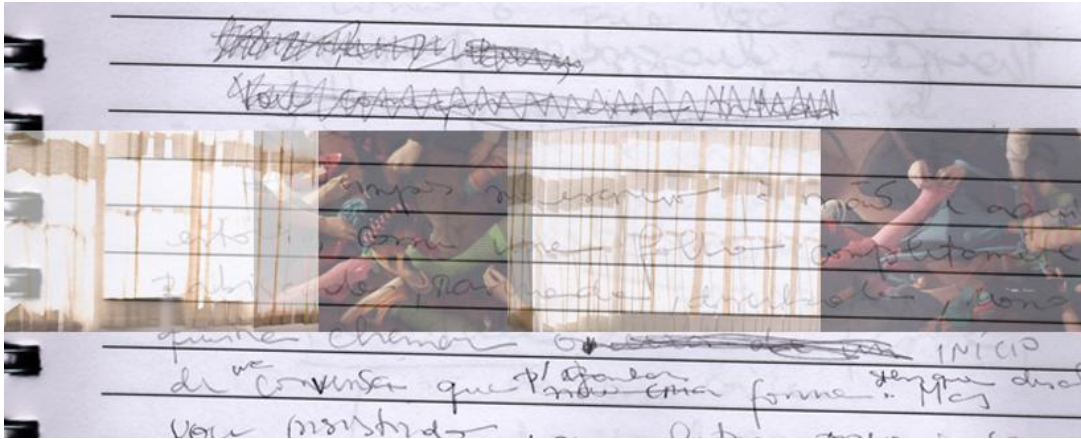


Foto 3: trocando paisagens

## Referências

BRISSAC, Nelson Peixoto. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

**Caderno de notas sobre cidade e roupas**. Direção: Wim Wenders. Alemanha, 1989. 1 vídeo-disco (79 min), DVD, son., color.

Cauquelin, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

Canton, Katia. **Narrativas Enviadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

Maffesoli, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DARDOT, Marilá. GUIMARÃES, Cao. **Correspondências**. in: Criação e Crítica. Org. Glória Ferreira e Fernando Pessoa. Vila Velha: Museu vale; Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2009.

Morais, Fábio; Dardot, Marilá. **Conversas: blá blá blá**. Florianópolis: Par(ent)esis, 2009

Oliveira, Ana Cláudia de Oliveira; Castilho, Kathia (org). **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx – roupas, memória, dor**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.